

Paul Krugman confunde Brasil com Argentina

Economista erra ao afirmar que a taxa de câmbio brasileira é fixa

Claudia Moretz-Sohn

Da Agência O GLOBO

• Depois de ter criado polêmica com o presidente indicado para o Banco Central, Armínio Fraga, o economista americano Paul Krugman se volta novamente para o Brasil. Desta vez é para comentar a reportagem de capa da revista "The Economist" desta semana, sobre deflação. Mas, no meio da análise, Krugman confunde Brasil com Argentina, ao dizer que a taxa de câmbio do país é fixa.

No artigo, Krugman diz que países com taxa de câmbio fixa — como Hong Kong e Brasil — não podem imprimir dinheiro livremente para combater a deflação, ao contrário de Estados Unidos, Japão ou na área em que vigora o euro —moeda única européia. Só que, desde janeiro, o dólar flutua livremente no Brasil.

Em seu texto, o economista fala das dificuldades de se combater a deflação:

"Ao longo do ano passado, os preços de produção caíram no mundo desenvolvido. Os preços ao consumidor vêm caindo nos últimos seis meses na França e na Argentina. No Japão, os salários tiveram redução de 4% no passado. Até a recente crise, os preços estavam baixando no Brasil, e continuam a cair na China e em Hong Kong. E provavelmente cairão longo em outros países em desenvolvimento", diz Krugman, em texto divulgado na Internet.

Economista diz que combater a deflação não será fácil

Paul Krugman reconhece que, ao contrário do que se previa, evitar a deflação não é fácil. O economista divide o artigo em quatro partes. Na primeira, fala da visão generalizada de que o fenômeno é simplesmente consequência de um excesso de capacidade. Em seguida, fala sobre uma tese cada vez mais difundida: a de que a deflação só interessa porque está relacionada à liquidez. A terceira parte relaciona a pressão deflacionária a um excesso de desejo de poupança. Finalmente, Krugman considera as implicações políticas da ameaça deflacionária.

Krugman alerta também para o fato de que a atual deflação em nada se parece com a da Grande Depressão da década de 30. ■